

## PARATEXTO E VISIBILIDADE NA TRADUÇÃO DE *DOM CASMURRO* PARA O INGLÊS

Luana Ferreira de Freitas  
Universidade Federal do Ceará  
luanafreitas.luana@gmail.com

**Resumo:** Este artigo trata do paratexto na tradução de John Gledson para *Dom Casmurro* de Machado de Assis e, mais especificamente, pretende revelar os aspectos que o tradutor privilegia nessa instância dedicada mais explicitamente à sua mediação entre texto e leitor.

**Palavras-chave:** Machado de Assis, John Gledson, *Dom Casmurro*, tradução, paratexto.

**Abstract:** This paper deals with the paratext presented by John Gledson in his translation of *Dom Casmurro* by Machado de Assis, and it especially intends to reveal the aspects the translator favors in this section dedicated more explicitly to his mediation between text and readership.

**Keywords:** Machado de Assis, John Gledson, *Dom Casmurro*, translation, paratext.

Eleger Machado de Assis como objeto de estudo parece vão, não pelo extenso material já produzido a respeito do autor por críticos como Roberto Schwarz e Antonio Candido, tampouco pela obra machadiana já ter sido esmiuçada, mas porque tem-se a impressão de que, por mais que se tente, nunca se chega ao cerne do texto machadiano. De fato, há tantas camadas, nuances e referências em Machado que o pesquisador se vê pequeno diante da obra. Contudo, isso não quer dizer que todos os esforços envidados até agora sejam vãos ou considerados datados: pelo contrário, a riqueza do texto

---

machadiano acolhe as mais diversas abordagens, desde as de caráter mais sociológico, até aquelas que se ocupam com a questão estética. Por paradoxal que pareça, tanto a extensão quanto o caráter refratário do texto machadiano a uma leitura que se pretenda definitiva estabelecem entre si uma relação de complementaridade. Assim, Machado permite as mais diversas abordagens sem se esgotar e, mais que isso, sem que se tenha a pretensão de tê-lo esgotado.

O objeto dessa comunicação é o paratexto na tradução da Oxford University Press, de 1997, do romance *Dom Casmurro* para o inglês. Apesar de o romance contar com mais duas traduções<sup>1</sup>, a opção por esse texto especificamente foi motivada pelo tradutor. Os críticos dos países centrais, em especial os de língua inglesa, só conseguem enxergar Machado enquadrando-o em sua própria tradição literária, contrapondo-o a seus próprios autores, ignorando ou condescendo com sua origem “inexplicavelmente” brasileira, classificando-o como um “milagre”, desconhecendo aspectos culturais, literários, políticos, históricos e sociais brasileiros, com a raríssima e muito bem-vinda exceção do tradutor e estudioso da literatura brasileira John Gledson.

John Gledson é conhecido e reconhecido no Brasil como estudioso da literatura brasileira em língua inglesa e certamente um dos maiores tradutores e divulgadores da cultura e literatura brasileiras na cultura anglófona.

A contribuição de Gledson para a difusão da literatura brasileira é vasta e inclui livros, artigos, resenhas e traduções. Como autor, publicou seis livros sobre literatura brasileira, quatro deles dedicados à obra de Machado de Assis, organizou seis livros, todos sobre Machado. Sua produção como tradutor de literatura brasileira compreende doze obras, entre livros, romances e roteiros de filme, dos quais dois são traduções do próprio Machado (*Dom Casmurro* e uma antologia de contos, *A Chapter of Hats and Other Stories*) e dois textos de Roberto Schwarz (*Misplaced Ideas* e *A Master on the Periphery of Capitalism: Machado de Assis*).

Gledson escreveu vinte e nove artigos sobre a literatura em língua portuguesa, dos quais vinte e sete especificamente sobre literatura brasileira. Resenhou vinte e seis textos entre traduções do português do Brasil para o inglês e textos sobre literatura brasileira. Escreveu o obituário de Drummond para o jornal *The Independent* e escreveu artigos sobre as letras brasileiras para revistas e jornais brasileiros (*Cult*, *Época*, *Carta Capital*, *Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Correio Braziliense*, *O Globo*) e ingleses (*The Independent* e *Times Literary Supplement*). Concedeu entrevistas sobre Machado à TV Cultura, à Rádio Mec, à TV Educativa, para o programa “Sem Censura”, e à BBC.

Gledson proferiu palestras sobre literatura brasileira em várias universidades brasileiras e estrangeiras, entre as quais destaque: Yale, Universidade de Tulane, Columbia, Princeton, Universidade de Londres, Universidade de Nova York, Universidade do Texas (Austin), Harvard, Universidade de Oxford e Universidade de Paris III.

John Gledson, além de especialista em literatura brasileira, é um grande conhecedor da história e da cultura brasileiras, com as quais estabelece paralelo constante em sua crítica e sua prática tradutória.

As traduções e os livros escritos e organizados por Gledson são acompanhados de prefácios e notas ricamente ilustrados, nos quais ele esmiúça o estilo e o ritmo do autor, além de fornecer ao leitor um panorama cultural, social e político da época em que a obra foi escrita. É também no seu paratexto que o tradutor e autor fala do processo tradutório, apontando complexidades e discutindo opções.

Apesar de não constituir objeto dessa comunicação, cabe ressaltar que a tradução de Gledson é minuciosa, com opções que comprovam pesquisa prévia e senso estético. É claro que a atividade tradutória exige tomadas de decisão mais ou menos felizes, mas, de uma maneira geral, o tradutor em questão produziu um *Dom Casmurro* em inglês fluente sem infantilizar seu leitor com naturalizações exageradas. Apresento um fragmento em que o cuidado de Gledson fica evidente:

Machado

Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze; ao contrário, os adolescentes daquela idade não tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade. Era um coqueiro velho, e eu cria nos coqueiros velhos, mais ainda que nos velhos livros. Pássaros, borboletas, uma cigarra que ensaiava o estio, toda a gente viva do ar era da mesma opinião. (p. 114)

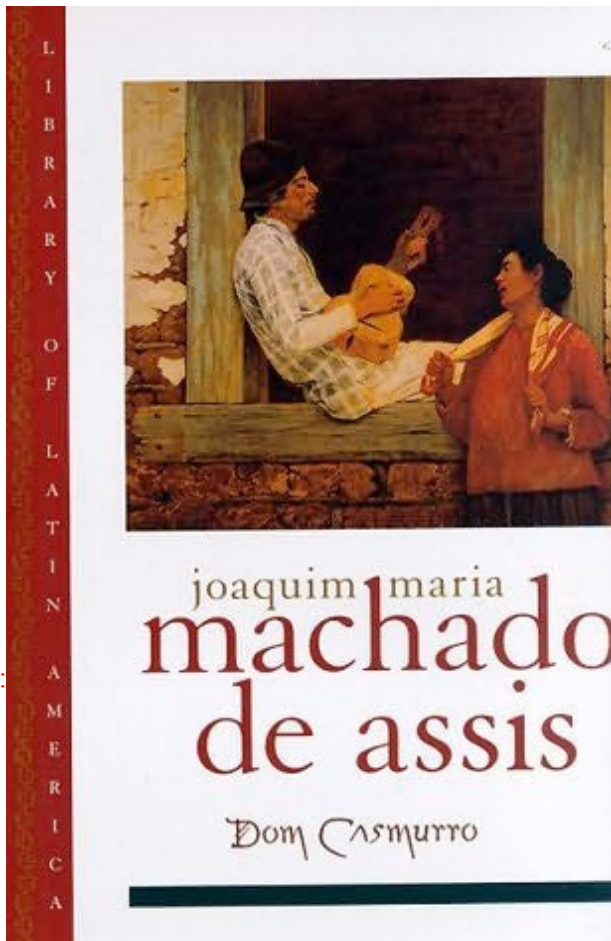
Gledson

A palm tree, seeing me troubled and divining the cause, murmured in its branches that there was nothing wrong with fifteen-year-old boys getting into corners with girls of fourteen; quite the contrary, youths of that age had no other function, and corners were made for that very purpose. It was an old palm tree, and I believed in old palm trees even more than in old books. Birds, butterflies, a cricket trying out its summer song, all the living things of the air were of the same opinion. (p. 23)

Há, em *Dom Casmurro*, uma mudança de tom bastante marcada: o tom juvenil e esperançoso do discurso de Bentinho em oposição ao discurso do Bento maduro, ou do Dom Casmurro, marcado pelo ressentimento, melancolia e certo sentimento de culpa. Na tradução proposta por Gledson de uma maneira geral e no fragmento destacado em particular, percebe-se que o tradutor percebeu essa diferença e manteve o tom juvenil do Bentinho e sua leveza.

Para essa tradução, Gledson escreveu um prefácio acompanhado de 19 notas, traduziu o posfácio de João Adolfo Hansen e forneceu 66 notas para o romance. A publicação apresenta também uma breve introdução dos editores da série, a Library of Latin America, da Oxford University Press, em que a editora expõe sua motivação para a empreitada: “The Latin America series makes available in translation major nineteenth-century authors whose work has been neglected in the English-speaking world” (1997, p. vii). Cabe observar o tom complacente do fragmento citado, como se o fato de esses autores latino-americanos não serem reconhecidos na cultura

anglófona lhes subtraísse parte do gênio. Aliada a essa complacência, a escolha da capa surpreende pela mais absoluta falta de curiosidade da série pelas obras que pretensamente quer promover, uma vez que, para um romance que não poderia ser mais urbano como *Dom Casmurro*, a Library of Latin America exhibe uma capa com um casal de caipiras tocando viola e cantando:



Essa escolha parece reafirmar, e não sanar, a alegada “negligência” de que falam seus editores na introdução. Esse descaso contrasta com a tradução cuidadosa de Gledson e com o paratexto que o tradutor propõe, igualmente cuidadoso.

O prefácio de Gledson conta 16 páginas e concentrou-se, de acordo com o tradutor, em dois aspectos: um panorama histórico e social da época em que o romance foi escrito para tentar diminuir a distância entre o leitor inglês atual e o leitor brasileiro contemporâneo ao romance e um panorama literário e intelectual na obra de Machado, transcendendo o contexto brasileiro. O tradutor, ao oferecer esses dois panoramas prévios à leitura de *Dom Casmurro*, trata do local e do universal, evidenciando a centralidade de ambas questões no texto machadiano.

Para o primeiro tema, o panorama histórico e social do Brasil do século XIX, vale lembrar que a trama do romance cobre metade do século, pois aborda desde a juventude de Bento Santiago, Gledson trata da exportação de café, do movimento pela abolição da escravatura, a intensa vida cultural do Rio de Janeiro de então e, a partir da família de Bentinho, explora a aristocracia brasileira e os latifundiários.

Um dos aspectos mais férteis abordados por Gledson é a relação de dependência entre o agregado José Dias, a família Pádua e a família de Bentinho. Aqui o tradutor costura aspectos sociais, históricos e culturais do Brasil do século XIX ao enredo do romance, chamando a atenção do leitor para as motivações dos atos destas personagens e para os paradoxos da sociedade brasileira. Surpreende constatar a pertinência do exame do tradutor destes papéis dentro da estrutura social brasileira para nós, leitores brasileiros de Machado, uma vez que a partir da preocupação do tradutor em explicar o papel da dependência para o leitor estrangeiro, alheio a essas questões, ele acaba iluminando aspectos do texto que também são opacos para o público brasileiro.

Ao abordar o panorama literário e intelectual na obra machadiana, Gledson destaca as leituras de Machado, seus autores predile-

tos, suas obsessões e suas oposições no quadro literário de então, chamando a atenção para a reação de Machado contra o Naturalismo e como essa resistência foi importante para a sua produção. O tradutor destaca que a concepção de Machado de que as pessoas não podiam ser reduzidas a criaturas previsíveis e transparentes foi de fundamental importância para a chamada “segunda fase” de Machado, ou seja, quando a sua produção parte para a experimentação com narradores não-convencionais e não-confiáveis.

Gledson reserva os últimos parágrafos do prefácio para falar da sua tradução. Nesse ponto ele afirma que buscou precisão e legibilidade e trata da centralidade, no romance, dos registros coloquial e literário e discute as opções para manter esse equilíbrio na sua tradução. O que chama mesmo a atenção nesse breve relato da sua experiência como tradutor de *Dom Casmurro* é a sua defesa das notas de tradução: “Notes have been kept to a minimum but, to exclude them, as both the previous translations have done, seems unrealistic and unhelpful” (p. xxv).

As notas de Gledson parecem, de fato, pertinentes. Das 66 notas produzidas para essa tradução, 15 exploram aspectos culturais, oito aspectos históricos, 16 são ligadas a aspectos geográficos do Brasil (a maioria sobre a cidade do Rio), e 27 explicitam as ligações intertextuais em *Dom Casmurro*. Cabe ressaltar a pesquisa cuidadosa de Gledson ao preparar essas notas tão abrangentes quanto minuciosas. O tradutor preocupa-se tanto com a nota sobre a “Rua do Riachuelo: Now the Rua do Riachuelo in the center of Rio de Janeiro, it was then on the outskirts of the center, separate from the main commercial area” (p. 5), quanto com aquela que trata do valor de dez contos:

At that time (1857) ten contos would have been equivalent to \$ 5,400. One thousand mil-réis made one conto. Based on the average sale price for male slaves aged 20 to 25 in the coffee-rich town of Vassouras in the mid 1850s, ten contos would have purchased seven slaves, with something left over (p. 31)

Mas, sem dúvida, o que chama mais a atenção é o cuidado que Gledson teve com as notas de cunho intertextual. O tradutor demonstra desvelo com cada citação e traz em cada nota o texto de origem e possíveis ligações com o texto de Machado, como em: “A reference to Victor Hugo’s ‘Tristesse d’Olympio’ in which Olympio wishes that the happy moments of life could be made eternal” (p. 199)

O posfácio dessa tradução de *Dom Casmurro* parece um tanto deslocado dos outros elementos paratextuais analisados. Isso decorre não apenas do fato de ser de autoria de outra pessoa, João Adolfo Hansen, como também por não ter sido escrito para esse fim, e sim para uma palestra proferida pelo autor sobre a Library of Latin America series. Contudo, o posfácio de Hansen acaba por complementar prefácio e notas ao abordar questões diferentes das abordadas por Gledson. Hansen explora com detalhes a relação de Machado com o leitor, a metaficção em *Dom Casmurro*, as digressões, a ironia. O texto de Hansen traduzido por Gledson preocupa-se mais com questões estilísticas do texto machadiano, criando um contraponto valioso para o leitor de língua inglesa.

John Gledson é, como se sabe, considerado um dos grandes estudiosos de Machado de Assis. Isso certamente contribuiu para que ele produzisse uma tradução de alta qualidade, o que não quer dizer, contudo, que ela seja “definitiva”, mesmo porque isso, por definição, inexistente. O admirável paratexto que acompanha sua tradução tampouco pode ser considerado “definitivo”, pois sempre será possível produzir notas e comentários de diferente índole, que possam oferecer informações que enriqueçam a experiência do leitor estrangeiro. O certo é que Machado de Assis e, mais particularmente *Dom Casmurro*, ganhou novo fôlego com a sua empreitada e se tornou, sem dúvida, mais atraente e complexo para o leitor de em língua inglesa.



### **Nota**

1. A primeira tradução é de Helen Caldwell (1953) pela Noonday Press, e a segunda é de Scott-Buccleuch (1966) pela Peter Owen.

### **Bibliografia**

ASSIS, M. J. M. *Dom Casmurro*. Tradução de John Angus Gledson. OUP: Oxford, 1997.

